



# 2

**MAURÍCIO TRAGTENBERG\***

---

**MAX WEBER E A REVOLUÇÃO RUSSA**

(\*) Professor do Depto, de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, e da Faculdade de Educação da UNICAMP.



Em 1906 Max Weber publica dois ensaios a respeito da política russa contemporânea, *Zur Lage der burgerlichen Demokratie in Russland* (*Situação da Democracia Burguesa na Rússia*) e *Russlands Uebergang zum Shein-Konstitutionalismus* (*A Transição da Rússia a um Pseudo-Constitucionalismo*), iniciando-se numa área até então desconhecida para ele, fora de sua especialidade.

Até então, Weber era conhecido como o historiador da economia, especialista em questões agrárias e financeiras, também preocupado com a metodologia das ciências sociais. É bem verdade que já iniciara então suas pesquisas acerca das relações entre a ética calvinista e o espírito do capitalismo; porém, a mudança de área é menos nítida, porque suas pesquisas ocupavam-se com as consequências sócio-econômicas de um determinado movimento religioso. Pode-se perguntar o que levaria Max Weber, recém-saído de grave crise nervosa que o condenara a inação durante o período compreendido entre 1897 e 1902, a interromper seus estudos, dedicar-se a aprendizagem do russo, folhear durante meses e meses a imprensa diária russa. O que o levaria, conforme testemunho de sua esposa e biógrafa, Marianne Weber, "a acompanhar durante meses, numa tensão febril, o drama russo de 1905"?<sup>1</sup> O interesse que Max Weber demonstrara pelo processo político russo ia além da simples fascinação do atual, estava ligado a valores que ele reputava essenciais: o destino da Alemanha e o destino da liberdade.

As convicções políticas de Max Weber, na sua gênese, constituíram-se num amálgama de nacionalismo alemão orientado a uma política de poder, como se manifestara nos fins do século XIX e a fidelidade ao liberalismo democrático. "Faço parte da burguesia, dizia ele por ocasião de sua Conferência inaugural na Universidade de Friburgo em 1895.<sup>2</sup> "É assim que eu me sinto, criado segundo concepções e ideais burgueses". Sabemos, pelo testemunho de K. Jaspers, que Weber permanecera durante sua vida toda fiel a sua concepção dos direitos inalienáveis do homem e da dignidade humana".<sup>3</sup> O próprio Weber jamais se cansara de reafirmar sua fidelidade aos princípios democráticos ao mesmo tempo em que definia suas convicções nacionalistas. "Eu sempre considerei a política do ponto de vista nacional — declara Weber antes de sua morte —, não somente a política exterior, mas a política em sua totalidade."<sup>4</sup> No seu primeiro ato público, na Universidade de Friburgo, coloca a Alemanha em guarda contra os "perigos" da infiltração de camponeses de origem eslava nas províncias orientais.<sup>5</sup> Suas últimas funções foram as de um delegado alemão em Versalhes e de membro da comissão que elabora, em 1919-1920, a Constituição de Weimar. Neste ínterim, transcorre um quarto de século de estreita identificação pessoal com a política alemã. Durante este período, embora severo com o regime dos Hohenzollern, Weber jamais dá as

costas a seu país, mesmo que a ação alemã viole suas mais profundas convicções humanitárias.

Estes sentimentos contraditórios não eram incompatíveis. A dualidade de Weber é o reflexo da ambigüidade do liberalismo alemão: durante o transcorrer do século XIX fora ele dividido dramaticamente entre suas aspirações nacionalistas — que o levaram a colaborar com a *Realpolitik* de Bismarck — e seus ideais liberais no plano da política interna e da economia, que o levam à oposição. Weber fora crítico de Bismarck, embora crescesse numa atmosfera profundamente condicionada pelas idéias e personalidade do Chanceler de Ferro, que lhe fornecera as premissas políticas iniciais. Daí Weber desenvolver a tese de que o poder é a essência da política, definindo-a como "atividade que visa 'a divisão e manutenção do poder' ".<sup>6</sup> Por outro lado, Weber, liberal declarado, fez de Naumann — seu amigo político mais achegado — o teórico da *Lebensraum* (espaço vital) germânico na Europa Central, que se constituiria num dos dogmas centrais do movimento nacional-socialista.

O nacionalismo de Weber constituiria uma das razões de seu interesse pelos problemas políticos russos. A Rússia preocupava-o, enquanto o vizinho mais forte e concorrente da Alemanha, cujo desenvolvimento interno poderia afetar o destino político de seu país. Outra razão; estava na sua visão do processo histórico, notadamente sua visão a respeito dos rumos políticos do Ocidente.

Suas pesquisas históricas levaram-no à crença de que a história européia constitua num processo de racionalização progressiva de todos os aspectos da vida humana organizada. Para ele, uma das características da civilização ocidental residia no processo de *desencantamento* (*Entzauberung*). Tal perspectiva preocupava-o profundamente, pois lhe parecia provável que a razão — após libertar o homem da prisão da ignorância, superstição e preconceito — terminaria por dominar o homem. Uma sociedade plenamente racionalizada imporá ao homem nova escravidão.<sup>7</sup> Ele ficaria reduzido a um impotente parafuso de uma máquina virtualmente indestrutível. A angústia sentida por Max Weber ante o triunfo final do princípio da racionalização só poderá ser explicada por sua Vinculação profunda a um ideal de liberdade e ao valor atribuído ao Homem, como sujeito de relações de produção, sejam elas quais forem.

Este processo que Weber vê transcorrer diante de seus olhos sob o capitalismo ocidental, secularização e racionalização, estimula seu interesse pela Rússia, que lhe aparece como o país onde a cultura ainda está em estágio formativo. A Rússia poderia, de certa maneira, contrastar a opressão crescente que se manifestava na Europa, cujo término lógico, para Weber, radica na supressão da liberdade do sujeito. Se o primeiro interesse de Weber aparece como inteiramente subjetivo em sua manifestação, o segundo está despido de qualquer motivação emocional ou preconceito nacional. Uma das dificuldades

encontradas na análise do pensamento político de Weber consiste em que ele se realiza em dois planos distintos. De um lado, Weber articula seu discurso como político alemão preocupado com o poder da Alemanha nos negócios mundiais, de outro lado, como o cientista que contempla as coisas *sub specie aeternitatis*. Atitudes incompatíveis, que se manifestam claramente em seus textos dedicados ao processo político russo. É impossível efetuar a separação entre a vida e o pensamento com o rigor exigido pelo neo-Kantismo, que tanto influenciara sua postura intelectual.

Do ponto de vista político, Weber dividia a sociedade em três principais grupos: o que possui as rédeas do poder, o que executa os mandamentos dos detentores do poder, dos "dominados" de quem ele fala, quando trata em *Economia e Sociedade*, da burocracia.

O caráter específico de todas estruturas políticas é o exercício do poder. "Todas formações políticas originam-se da violência."<sup>8</sup> A autoridade efetiva de qualquer sociedade, especialmente aquelas organizadas conforme os princípios democráticos, está nas mãos de uma elite. "O princípio do pequeno número, ou melhor, a superior capacidade de manobra dos *pequenos* grupos dirigentes, domina inteiramente a atividade política. O estigma cesarista é inerente ao Estado de massa." Um dos mais significativos critérios de sanidade de um organismo político é o grau de correlação entre o papel dominante desta elite e sua supremacia econômica. Num Estado viável, os interesses materiais do grupo que exerce o poder político coincidem com os interesses da maioria da população e *esta interdependência* é profundamente internalizada na consciência dos cidadãos. O grupo que detém o poder, além do poder econômico, deve possuir um *Machtwille* (instinto ou vontade de poder). Ele não é mecanicamente criado mas cresce lentamente pela diligência com que é continuamente posto à prova dos fatos. É a denota infringida aos liberais alemães pelos *junkers*, que leva Weber a escrever: "A essência última do problema sócio-político não reside no *status* econômico das classes dirigidas, mas, na aptidão *política* das classes dirigentes em *ascensão*"<sup>9</sup>. Um movimento político onde tais qualidades estão ausentes está destinado ao fracasso, qualquer que seja o número de seus adeptos, a qualidade de seus líderes e o valor de seu programa.

Para exercer sua autoridade de forma eficaz, isto é, impor sua vontade, o grupo dirigente necessita encontrar entre seu público certo grau de corroboração. "Toda autêntica relação de dominação — submissão (*Herrschaftsverhältnis*) exige um mínimo e determinado desejo de obediência, de interesse (interno ou externo) nessa obediência."<sup>10</sup> Esta corroboração é essencialmente um ato de *fé*. "O fundamento de qualquer autoridade, isso é, de qualquer subordinação, é um tipo de fé: a fé depositada nos dirigentes em função de seu prestígio."<sup>11</sup> A partir do tipo de corroboração obtido, Weber define os

principais sistemas políticos em três principais categorias: a dominação carismática, essencialmente instável, onde a relação entre dirigentes e séquito funda-se no "reconhecimento" daqueles por estes; o poder tradicional, fundando sua legitimidade no costume; o poder racional — burocrático, essencialmente estável, onde a corroboração se dá por mediação da representação, *referendum*, eleições e outros meios juridicamente definidos. Para este fim, o sistema político organizado racional-burocraticamente recorre também à instituição do Parlamento.

"Os Parlamentos modernos são os corpos representativos dos que são *regidos* por mediação da burocracia. Um mínimo de corroboração íntima dos dominados, ao menos das categorias sociais mais significativas, é a condição de estabilidade não importa de que regime (*Herrschaft*), mesmo o melhor organizado. Os parlamentos atualmente se constituem nos meios de manifestar exteriormente esta mínima corroboração."<sup>12</sup>

Não constitui leviandade alguma supor que a posição de Weber sobre a limitação das funções parlamentares, como seu ceticismo ante um poder legislativo democrático, origina-se da história do Reichstag. Este parlamento, apesar das prerrogativas que detinha em princípio, mostrara-se em todas as crises políticas da história alemã um instrumento dócil às imposições da Coroa e seus ministros. Apesar disso, Weber admitia que os parlamentos, embora com possibilidade limitada de influir no curso dos acontecimentos, eram indispensáveis para assegurar o funcionamento dos grandes Estados modernos de tipo burocrático-racional. Constituem-se, a seus olhos, no único meio de obter de forma *continua* a aprovação dos atos governamentais pela massa dos cidadãos. O Parlamento pode ser reduzido a impotência, como o fizera Bismarck, porém é impossível dispensar sua existência.<sup>13</sup>

Da mesma maneira que necessitam institucionalizar o consentimento dos cidadãos, os dirigentes necessitam de um aparelho capaz de executar suas decisões. A grande contribuição de Weber reside na sua análise penetrante dos *aspectos administrativos* da soberania e da importância que ele atribui aos poderes políticos exercidos na maioria das sociedades por mediação de um quadro de funcionários na qualidade de executores. Enquanto a maioria dos pensadores políticos, fiéis à tradição medieval, definem a essência do problema político na relação do soberano com os cidadãos, Weber, enquanto sociólogo preocupado mais com a *praxis* política do que com as normas legiferantes, acentua a importância de um terceiro fator: o quadro administrativo. A cada um dos três tipos de dominação, corresponde um quadro administrativo específico. Nas estruturas carismáticas tal função é desempenhada pelos

"homens de confiança": apóstolos do profeta, representantes inspirados divinamente que transmitem as ordens ao séquito sem recorrer a um quadro burocrático permanente. Tal tipo de dominação é raro e sua duração efêmera. Nas sociedades onde domina o tipo de autoridade tradicional, o quadro administrativo — como a nobreza hereditária — é constituído pelos "servidores do soberano": inexistente o critério de formação profissional ou áreas de competência na execução das funções administrativas. Na medida em que estes funcionários recebem uma formação sistemática e se transformam num quadro de agentes assalariados, remunerados conforme a antiguidade de tempo de serviço ou sua capacidade funcional, constituem uma burocracia, no sentido lato do termo. Ela se constitui no sistema de administração inerente à autoridade política baseada num princípio racional, como existe sob o capitalismo.

Se Weber, em seus textos, concedeu importância excessiva à burocracia, é que a mesma constitui o problema central da política moderna. O surgimento e extensão da burocracia, aparece-lhe inerente ao processo de racionalização sob o capitalismo, visto no seu conjunto. O fenômeno da burocratização estende-se da fábrica ao exército, ao laboratório científico, aos partidos políticos, ao ensino. Para Weber, o Estado é uma "empresa" (*Betrieb*) regida pelas leis inerentes a qualquer empresa. "*O Estado moderno, do ponto de vista da ciência social, é uma 'empresa' como o é a fábrica; nisso é que reside sua especificidade histórica.*"<sup>14</sup> Daí a ênfase de Weber nos aspectos burocráticos da vida política e sua *tendência a minimizar o papel da ideologia*. - "Nós, produtos tardios do Ocidente, tornamo-nos céticos. Os sistemas ideológicos não nos abalam. Os programas constituem coisas do passado."<sup>15</sup> A burocracia, enquanto administração, é incomparavelmente superior no que diz respeito à eficiência, em relação a qualquer outra categoria de servidores de um poder público. A sociedade ocidental caminha para uma racionalização inevitável e uma burocratização inelutável:

"O futuro pertence à burocratização. O funcionário especializado, uma vez no exercício do poder, é virtualmente indestrutível; qualquer estrutura básica que assegure as mínimas condições de existência é definida em função de suas possibilidades de atuação."<sup>16</sup>

Nem o capitalismo nem o socialismo poderão fugir a esta tendência irrecorrível, pois eles sucumbem ao mesmo processo de burocratização. O capitalismo moderno é altamente racionalizado e os executivos que dirigem-no não guardam relação alguma com os empresários individualistas do início do capitalismo. Mais sombrias são as perspectivas para o socialismo. Assumindo parte crescente das responsabilidades econômico-sociais, o Estado socialista

utilizará um Estado burocrático bem mais amplo do que o capitalismo privado. Suprimindo o empresário capitalista, diz Weber, o socialismo eliminará o único rival eficiente da burocracia, o que conhece melhor seu *métier* do que o profissional da função pública. Em consequência, adverte Weber, "o crescimento da socialização significa necessariamente, hoje em dia, aumento da burocratização".<sup>17</sup>

Max Weber critica aqueles "marxistas" que são incapazes de responder a esta indagação: quem dirigirá as indústrias estatizadas? Para ele, era fora de dúvida que tal função seria destinada à burocracia "para quem, o sentimento de solidariedade com o proletariado não tem existência".<sup>18</sup>

Essas considerações levam Weber a conclusão pessimista:

"O edifício da nova escravidão está concluído... Os barômetros econômicos acentuam o progressivo recuo da liberdade... 'Contra à corrente' da conjuntura material, dirigimo-nos àqueles 'individualistas' e partidários das instituições 'democráticas'. Os que pretendam adaptar-se à 'tendência crescente' agirão bem abandonando o mais rapidamente possível tais princípios caídos em desuso".<sup>19</sup>

Até que ponto Weber enfatizava a burocracia, pode-se depreender de uma de suas conferências a respeito da situação política da Alemanha, onde chega a afirmar que os burocratas franceses e norte-americanos prestam mais serviço a seu país do que os alemães, porque são mais corruptos.<sup>20</sup>

Somente uma classe social dinâmica, politicamente ambiciosa e em processo de expansão econômica poderia limitar o crescimento da burocracia. Na Europa do século XIX, tal classe não existe. O poder político na Europa está nas mãos de classes economicamente decadentes, enquanto o proletariado único pretendente sério, não possui "vontade de poder", pelo menos no quadro alemão. A ditadura das massas, idealizada pelos trabalhadores, deverá terminar, segundo Weber, não numa ditadura do proletariado mas numa ditadura sobre o proletariado. Assim, na ausência de uma classe que aspire a direção da sociedade e possa assumir esta responsabilidade, a autoridade na Europa cairia nas mãos da burocracia.

Nesta conjuntura, pensa Weber, somente um forte poder monárquico apoiado num robusto Parlamento poderá limitar o poder da burocracia. A essência do problema constitucional do século XX não é a divisão do poder entre o Legislativo e o Executivo a nível do Estado. A questão principal consistiria em saber até que ponto o Legislativo e o Executivo poderiam cooperar para limitar o inimigo comum: o quadro burocrático.

Observando a situação política européia de inícios do século, Weber tinha fundadas razões em se desesperar. Tudo indicava um novo declínio da

liberdade humana e o triunfo de uma ordem social implacavelmente eficaz, porque racional, praticamente indestrutível.

Se qualquer esperança de preservar a liberdade existisse, era necessário procurá-la fora da Europa, nos Estados Unidos, ou na Rússia, que possuíam condições favoráveis ao surgimento de novos tipos de civilização. É necessário acentuar a importância que Weber atribuíra à evolução destes países, em primeiro lugar a Rússia, pois a cultura russa era menos "européia" do que a norte-americana, e por outro lado, os acontecimentos na Rússia afetavam de maneira mais imediata a posição da Alemanha. Assim, com o desencadeamento de novas ondas de greves e agitações que cobriam todo Império Russo, Weber suspende seus estudos habituais, penetrando de corpo e alma no "drama russo". O terreno que não foi conquistado para a defesa do indivíduo e suas liberdades, em favor do período de caos econômico atravessado por países onde o sistema econômico ainda não estava completamente constituído e cristalizado, não o será jamais, quando o mundo "estiver economicamente acabado" e intelectualmente desgastado. Num certo sentido, trata-se das "últimas" chances para a edificação de culturas "livres" sob um terreno virgem.<sup>21</sup> Outro motivo, que levava Weber ao estudo da Rússia, se deu, pelo fato da revolução de 1905 parecer-lhe anunciar uma nova ordem econômica e social que rompe com as cadeias que estrangulam o Ocidente anunciando o renascimento da sociedade livre.

\*\*\*

O primeiro estudo de Weber sobre a Rússia, *Zur Lage der bürgerlichen Demokratie in Russland*, concluído em fevereiro de 1906, fora escrito com a assistência do militante da *Soiuz Osvobojdiénia* (Liga da Libertação), e utiliza também como fonte Leroy-Beaulieu *L'Empire des Tsars et les Russes*. Weber analisa detidamente a composição social e programas dos principais grupos liberais, com vistas à determinação do liberalismo russo e suas chances de viabilidade institucional. Como ponto de partida, Weber postula que somente constituem um valor "histórico" na Rússia "a comuna camponesa, a Igreja e a Monarquia".<sup>22</sup> Consequentemente, não considera a tradição do pensamento liberal russo, cujas origens remontam ao século XVIII.

Inicia sua exposição em 1903, quando os elementos moderados que atuam nos *zemstvos* juntam-se à *intelligentsia* liberal, fundando a Liga da Libertação. Weber parte dos elementos que precedem imediatamente a fundação da liga, depois estuda o movimento dos *zemstvos*, acentuando a relação entre estes dois pilares do liberalismo e as duas classes mais dinâmicas, a burguesia e o campesinato. A abordagem da questão, a escolha dos dados, os elementos que são desconsiderados na análise, são determinados por sua



visão política. Concentra sua atenção nos "valores" do liberalismo russo e seus pontos de apoio, para determinar "em que medida o liberalismo russo é apoiado por interesses econômicos de uma classe ascendente."<sup>23</sup> A hipótese é de que a conjunção destes valores e tal apoio são indispensáveis ao êxito de qualquer movimento político que tenha em mira o poder.

A resposta de Weber às questões básicas suscitadas pela análise é *negativa*: o liberalismo não tem o apoio de grupos interessados na realização de seus fins e seus ideais, na maioria dos casos, são subalternos.

Os eventos de 1905 significam, para Weber, que as forças liberais, representadas pelos *zemstvos* e o Partido K.D. (Constitucional-Democrata), *não* contam com o apoio da burguesia russa. Os *zemstvos* não são propriamente falando instituições da classe média, no sentido econômico do termo. Na medida em que a burguesia se acha representada, é sob o ângulo de "sua forma de vida e de seu nível de instrução. Considerados sob o ângulo econômico, os liberais dos *zemstvos* são no conjunto simples defensores de um ideal político-social."<sup>24</sup> A burguesia, no sentido exato do termo, isso é, a classe dos grandes industriais e dos financistas, não somente recusa sustentar tais idealistas como procura ativamente combatê-los. A ruptura entre a grande burguesia e os liberais dos *zemstvos*, que se produz nos inícios da revolução de 1905, constitui uma das manifestações externas deste profundo desentendimento.

Weber analisa um outro ângulo do movimento: a constituição do quadro burocrático dos *zemstvos*. Este "terceiro elemento" que vive efetivamente no "seio do povo", de um idealismo comprovado, que "no plano moral é o fenômeno mais reconfortante e significativo da Rússia de hoje."<sup>25</sup> Weber visualiza, neste processo, a formação de uma burocracia recrutada no local e fortemente enraizada, capaz de fornecer aos opositores da autocracia o quadro administrativo que necessitam. O partido K.D., outro ponto de apoio do liberalismo russo, recusa-se a sustentar a burguesia. Entre seus membros não figura nenhuma personalidade do mundo industrial e financeiro. Os industriais e financistas trocam os Kadetes pelos Outubristas e, nas questões decisivas, apoiam o trono e a burocracia contra os liberais. A pequena burguesia, com seu anti-semitismo, vê-se impedida de aliar-se aos liberais, preferindo os ultra-reacionários "Cem Negros".

O que resta ao liberalismo russo como base de apoio possível? Somente o campesinato. Alguns círculos libertários russos colocam suas esperanças no nascimento de uma democracia russa fundada na comuna camponesa, notadamente os socialistas-revolucionários. Pura ilusão, diz Weber, convencido que este "populismo romântico" será no correr do tempo minado pelo capitalismo deixando lugar para o surgimento do marxismo.<sup>26</sup> Segundo Weber, os camponeses mais prejudicaram do que ajudaram o liberalismo russo: colo-

caram-no ante um problema infinitamente complexo cuja solução exigia mudança estrutural radical. Os camponeses são estruturalmente anti-parlamentares; querem tratar diretamente com o Czar e reclamam a confiscação das terras. Os liberais, bem ou mal, para serem conseqüentes, devem apoiar estas reivindicações, apesar do caráter retrógrado e anárquico do programa. Weber não vê nenhuma saída dentro da ótica democrática para os problemas agrários russo: "Não é caso de invejar a tarefa do partido que pretenda esta reforma (agrária) pela via *legal*."<sup>27</sup> Os camponeses russos não se aliarão aos nobres para realizar uma frente anti-liberal como se deu na Alemanha; por outro lado, é certo de que não colaborarão mais com os liberais".

O abismo entre os liberais e as classes economicamente influentes da sociedade, em outras palavras, a falta de qualquer base sócio-econômica, é o ponto fraco que poderá condenar ao fracasso o movimento liberal russo. Weber critica o otimismo daqueles que acreditam, apesar das dificuldades encontradas, que o triunfo final da democracia está garantido pela força do progresso histórico. A ampliação da cultura ocidental e da economia capitalista não garantem, à Rússia, a conquista das liberdades, conforme se realizara no Ocidente.

Em primeiro lugar, a liberdade européia é fruto de circunstâncias específicas, ocorrera numa época em que as condições materiais e intelectuais eram excepcionalmente favoráveis a elas. Era um período de adesão plena aos princípios de autoridade divina e de harmonia do espírito humano, minados pela filosofia da Dustração e pelo capitalismo: uma época de expansão ultramarina e de possibilidades infinitas à empresa capitalista. "Essas fases de desenvolvimento não podem ser reencontradas na Rússia atual e não o será por razões "ideais": o individualismo especificamente burguês acha-se em vias de desaparecimento no círculo dos intelectuais e dos proprietários, e não é no seio da pequena-burguesia que ele encontrará condições de florescimento."<sup>28</sup> Em segundo lugar, constitui um erro atribuir ao capitalismo moderno, tal como existe no Ocidente, afinidades com a democracia e a liberdade. Trata-se, pelo contrário, de perguntar como é possível a longo prazo manter em regime capitalista a democracia e a liberdade".<sup>29</sup>

Pessimista a respeito do futuro do liberalismo na Rússia, Weber não desvaloriza inteiramente suas realizações. O liberalismo *zemstvo* constitui para ele um movimento admirável; compara seu papel ao do Parlamento de Francforte e vê nele uma manifestação de liberalismo "puro". Para Weber, os *zemstvos* podem servir utilmente à democracia, consagrando-se à tarefa de difundir em todos os grupos sociais ideais dos direitos inalienáveis da pessoa humana, para contrastar a influência da burocracia e do jacobinismo. (Por jacobinismo Weber entende o leninismo, aludindo numa nota à tendência Jacobina no seio da social-democracia russa.)<sup>30</sup>

Face a todas as formas que conspiram contra a liberdade humana, o desejo de ser livre é a última arma que resta ao homem: a democracia e a liberdade são possíveis somente "quando não sustentadas por uma vontade constante de uma nação que recusa ser governada como um rebanho de carneiros".<sup>31</sup> Os sacrifícios da revolução não foram em vão. A monarquia, é verdade, sobreviveu a ela, manteve o apoio do Exército, da burocracia central e de alguns setores das classes influentes. Weber está convencido que "somente uma guerra européia perdida minará definitivamente a autocracia".<sup>32</sup> A derrota das forças democráticas não é menos patente: a Rússia está submetida a um regime onde a burocracia poderá exercer sua dominação acobertada por um regime pseudo-constitucional. A longo prazo, tal regime não se manterá e o país atravessará uma sucessão ininterrupta de movimentos sociais.<sup>33</sup>

Alguns meses após ter publicado seu primeiro ensaio sobre a Rússia, Max Weber publica um segundo, mais alentado, a respeito do mesmo assunto: *Russlands Uebergang zum Scheinkonstitutionalismus* (A Passagem da Rússia a um Regime Pseudo-Constitucional).<sup>34</sup> Tendo visto no seu primeiro ensaio a vida política russa do ângulo do desenvolvimento das forças liberais, consciente da fraqueza do liberalismo russo, analisará o funcionamento do regime czarista, estudando a viabilidade de uma revolução "pelo alto" e não mais pela base, que transformaria a Rússia numa democracia parlamentar do tipo ocidental.

O tom do estudo é mais frio, distante, profissional, feito sem amor e sem ódio, por um homem que, perdidas suas grandes esperanças, examina o conjunto do problema impessoalmente.

A chave do enigma a respeito do comportamento do governo czarista durante a Revolução de 1905, a razão das concessões outorgadas no Manifesto de Outubro e promulgadas por lei, se acham na amplitude e volume da dívida externa da Rússia:

"É impossível compreender a conduta do governo russo sem levar em conta um dado essencial: a Rússia é um Estado devedor. É exato sustentar com os reacionários que os "judeus" extorquiram a Constituição russa; esses judeus não são os pobres reclusos dos guetos, oprimidos e ultrajados, mas seus primos enobrecidos da *haute finance* de Berlim e Paris, que controlam os fundos do Estado nisso".<sup>35</sup>

Para controlar o pânico que as agitações de 1905 causaram entre os credores estrangeiros, o czarismo introduziu um regime pseudo-constitucional em compromisso com a burguesia. O objetivo principal dessas medidas era dar ao exterior a impressão de ordem e estabilidade interna, favorecendo o afluxo dos créditos e investimentos estrangeiros. Na realidade, o regime czarista não

tinha intenção alguma de conceder a seus cidadãos direitos civis e políticos; no plano interno, antes de mais nada procurara manter e ampliar os poderes dos órgãos policiais de repressão. Dessa maneira estaríamos diante de uma política de duas faces: no plano externo, o governo russo conduzia-se como uma monarquia constitucional; no plano interno, mantinha o regime tradicional caracterizado pelo arbitrário poder da polícia.

O principal tema do ensaio de Weber é a análise da Constituição russa de 1906 partindo das premissas acima enunciadas. Weber aborda-a de um duplo ponto de vista teórico e prático, procurando mostrar como o novo sistema funcionava do ponto de vista da lei e da realidade social. Examina detalhadamente as atribuições do novo órgão ministerial e do poder legislativo, a lei eleitoral e o papel da burocracia, o que permitirá mostrar as diversas disposições escapistas que permitirão as forças anti-parlamentares reduzir a oposição a impotência. As conclusões de Weber, em grande parte, foram confirmadas pelos acontecimentos: incapacidade da Duma na afirmação de sua autoridade; manutenção do arbítrio policial; ausência de um verdadeiro gabinete ministerial. Para Weber, o novo regime não é autenticamente constitucional, pois o poder não está partilhado entre o Executivo e um partido político dominante no Parlamento. Tal partilha constitui para Weber um traço característico do regime constitucional: o sistema russo seria, na realidade, um "pseudoconstitucionalista".<sup>36</sup> Este termo Weber não aplica à Rússia, mas à Alemanha contemporânea designando o regime onde a população, se está representada por partidos na Assembléia não participa do poder de fato mas somente de suas adjacências.<sup>37</sup>

Poderíamos ampliar a área de comparação que Weber estabelecera, definindo que a necessidade de manter uma imagem positiva ante os investidores internacionais, órgãos de financiamento mundial, levou o Brasil a manter duas ordens conflitantes: uma ordem constitucional e outra institucional, onde, no plano exterior, mantém-se uma imagem constitucional e no interno ela coexiste com os aparelhos repressivos oficiais: *ê o pseudo-constitucionalismo em ato*.

Os dispositivos de 1906 têm, segundo Weber, dois efeitos duráveis e importantes: crescimento do poder da burocracia e diminuição do poder da Coroa.<sup>38</sup> O regime russo de 1905 era, na realidade, um regime de uma autocracia hesitante. O país estava dividido em numerosas satrápias em luta entre si e contra o Czar. O sistema, por sua ineficiência congênita, oferecia inúmeras possibilidades de escapar ao controle da burocracia. O Manifesto de Outubro põe fim a este estado de coisas; surge uma nova ordem que sucede à confusão de poderes, conflitos de áreas de competência, à diversidade dos aparelhos administrativos autônomos, à concorrência das instituições: a administração centralizada inerente à burocracia moderna. Tendo no topo o

Primeiro Ministro e o Conselho de Ministros - este poderoso traste de interesses burocráticos -, os dois inteiramente independentes da Duma, a burocracia implantara-se solidamente entre o monarca e seu povo. O Czar conservou o direito de veto mas no plano administrativo ficou sob dependência do órgão ministerial que controlava os elos de transmissão do poder real.

A Constituição de 1906, assim, equívale de fato à "racionalização burocrática definitiva da autocracia em todas as esferas da política interior", isto é, *à passagem do poder da Coroa a burocracia*.<sup>39</sup> Se o Czar permitira a criação de um verdadeiro regime parlamentar, ele conservaria ainda um amplo poder, pois necessitava manipular a burocracia às suas ordens para contrapô-la ao poder legislativo. Privando a Duma de autoridade, cedeu aos burocratas o poder político que recusara a nação em seu conjunto. O principal perdedor, afinal de contas, foi o Czar:

"Como a hipocrisia é a homenagem do vício à virtude, assim, a codificação explícita de um pseudo-constitucionalismo, tão profundamente inautêntico, é uma homenagem não menos degradante da 'idéia' de autocracia ao princípio constitucionalista; a longo prazo, ela enfraquece, não o respeito devido ao Príncipe, mas a autoridade da Coroa".<sup>40</sup>

Os dispositivos constitucionais de 1906, sustentados unicamente pela burocracia e a parte mais afortunada da burguesia, rejeitados pelas demais classes, levariam a um conflito entre o regime e a sociedade, à guerra civil em estado crônico.

As pesquisas de Weber convenceram-no que é vã a tentativa de esperar da Rússia a elaboração de novas formas da civilização. Sua visão do nascimento, em solo russo, de uma "cultura livre em solo virgem" - embora jamais tenha definido como surgira — não tinha fundamento algum. Na Rússia, como em outras terras, o poder é enfeixado pela burocracia. Os acontecimentos de 1905-1906 indicam que a Rússia entrou "na via especificamente européia de desenvolvimento..".<sup>41</sup> Embora essa perspectiva encorajasse muitos liberais, ela aparece diferente para Weber, para quem só poderia haver liberdade, nas condições do mundo moderno, *fora* da cultura européia. Desiludido, Weber deixa de estudar a política russa. Cada vez mais, sua atitude ante a Rússia será definida por considerações históricas e filosóficas imbuídas de nacionalismo. Se é injusto taxá-lo de "russóforo"<sup>42</sup> não é menos verdade que, a partir de 1906, Weber manifesta uma tendência para julgar a política interior e externa da Rússia em função de sua incidência sobre os interesses alemães.

Numa conferência pronunciada em outubro de 1916, "A Alemanha entre as Grandes Potências Europeias",<sup>43</sup> ele critica duramente a política exterior de Guilherme II, sua falta de realismo ao impor à Alemanha tarefas que sua situação geopolítica impede a realização. Continuando sua crítica, chama a atenção, nos limites permitidos pela censura de guerra, a respeito das conseqüências desastrosas que uma política deste tipo teria para o Estado alemão. Sua tese é que a Alemanha é a única potência mundial situada no centro do Continente, imbrincada entre as potências mundiais. Necessita ela de aliados; a Alemanha é o único Estado engajado na política mundial que não pode dispensar a ajuda, ou mesmo a amizade das outras potências mundiais. Nessa conquista de aliados, a Alemanha tem a escolher entre o Este e o Oeste; no Este a Rússia, no Oeste a França e a Inglaterra. Sendo esta a alternativa, a solução é dirigir-se a Oeste. A Rússia aparece como inimigo natural da Alemanha pelos seguintes motivos: 1) crescimento demográfico constante da Rússia e declínio nos países ocidentais; 2) a Rússia está predeterminada ao expansionismo devido à fome de terras de seu campesinato; 3) os interesses russos primordiais localizam-se no Império Austro-Húngaro e na Turquia, que se constituem nos apoios alemães nos Bálcãs e no Oriente Próximo. Com base nestes argumentos, Weber convida os alemães a não prosseguirem na campanha anti-Inglaterra. Nada mais desastroso, pensa ele, do que alienar a Alemanha da Grã-Bretanha e França, elidindo qualquer possibilidade de conciliação. Privada das simpatias ocidentais, a Alemanha do pós-guerra (1914-1918) ficará à mercê da Rússia, diz Weber.

Característico do pensamento político de Weber é o fato de que, se de um lado critica a Rússia, por outro lado não manifesta nenhuma aversão ao país enquanto tal. Weber esforça-se em dirimir qualquer consideração de ordem ética ou moral, para definir conclusões fundadas no cálculo racional. Jamais escondera sua qualidade de *Realpolitiker*. Daí colocar-se unicamente esta questão: quem faz à Alemanha a melhor oferta? É a resposta a isso que origina sua posição em relação à Rússia.

A Revolução de março de 1917 levará novamente Weber a interessar-se pelo processo político russo. A 26 de abril de 1917 publica na revista *Hilfe*, dirigida por Naumann, um artigo intitulado *Russlands Uebergang zur Scheindemokratie* ("Tassagem da Rússia à Pseudodemocracia") onde analisa os sucessos de março.<sup>44</sup> Seu objeto é analisar as repercussões possíveis dos acontecimentos russos sobre a Alemanha, notadamente sobre seu esforço de guerra.

Por que, pergunta Weber, a revolução russa de 1917 tivera sucesso após a derrota de 1905? A resposta se encontra no comportamento da burguesia, que controla o crédito indispensável ao sucesso das revoluções. Em 1905, a classe média apoiara a Coroa; em 1917, após um decênio de arbítrio policial e

inconseqüência política do Czar, ela voltou-se contra a Coroa. No processo da guerra, setores dos mais conservadores da sociedade russa, desesperados com a incompetência do Czar, pronunciaram-se pelo regime parlamentar. Se a burguesia continuasse leal, a monarquia a neutralizaria como em 1905. Somente a firmeza de Stolypine permitiu ao Czar um ponto de apoio.

Weber considera o Governo Provisório, no seu primeiro mês de existência, como um carro sem direção: de um lado, uma burguesia conservadora e seus aliados não menos conservadores (militares de carreira, quadro burocrático, credores russos e estrangeiros), de outro, a *intelligentsia* revolucionária representando as forças verdadeiramente democráticas. Se estes dois grupos partilham o poder é porque seus interesses, provisoriamente, são comuns, mas é pouco verossímil que essa aliança dure, devido às aspirações contrárias. A burguesia apoiara as forças democráticas para desembaraçar-se de um monarca incompetente e *não* para transformar a estrutura do sistema. Os interesses da burguesia exigiam a continuação da guerra e a repressão às forças democráticas, para salvaguardar os investimentos e garantir os empréstimos estrangeiros, para impedir que os poderosos sentimentos coletivistas (anti-propriedade individual) das massas russas não se impusessem nos órgãos legislativos do Estado. A pequena burguesia, diz Weber, ansiava pelo "homem forte", de preferência um ditador militar, capaz de realizar a contento as duas tarefas.

Para manter sua autoridade no país, a burguesia necessitava de apoio da *intelligentsia* revolucionária representada pelos socialistas-revolucionários (S.R.) e pelos social-democratas. Dispunham eles dos meios de comunicação e transporte, estradas de ferro, telégrafo; estavam em contato com as massas, pela divisão da burocracia rural, conquistada em parte pelas idéias do socialismo. Esses movimentos eram anti-monarquistas, pequeno-burgueses, voltados para a eliminação definitiva da dinastia Romanov, embora preferissem substituir Nicolau II por um "rei-cidadão" ou um ditador militar. A presença de esquerdistas no governo dá a possibilidade ao novo regime de manter uma *aparência* revolucionária, sem enfraquecer o controle exercido pelos conservadores sobre o aparelho de Estado.

Para Weber, a fraqueza essencial dos socialistas-revolucionários consistia em não possuir capital e crédito, não estavam em condições de fazer a revolução, nem de assumir as responsabilidades do exercício do poder. Daí estarem obrigados a colaborar com a burguesia e a se contentar com o triste papel de "companheiros de viagem" (*Nitlaufer*) de uma coalisão essencialmente anti-democrática.

Outro fator, para Weber, da instabilidade do Governo Provisório era a incompatibilidade dos interesses da burguesia com o campesinato, a classe social mais numerosa. Os camponeses — uniformizados ou não — aspiravam a

confiscação imediata das grandes propriedades, o término imediato da guerra com seu corolário, a democratização. Surgia um conflito social que ameaçava a própria existência do Governo Provisório; enquanto a pequena-burguesia procura manter o *status quo* em matéria de propriedade e estrutura política, e a continuação da guerra, o campesinato aspirava a mudanças radicais nas relações de propriedade, a democratização do governo e o fim da guerra. Caso a burguesia procurasse barrá-lo em sua marcha, haveria o risco do campesinato recorrer à violência:

"Tais dificuldades somente podem ser vencidas por intermédio de uma ditadura social-revolucionária prolongada (por social-revolucionário não deve entender-se um tipo de selvageria, mas simplesmente um homem político que não recue ante o caráter sacrossanto da propriedade privada - idéia relativamente nova na Rússia). Existem personalidades a altura desta tarefa? Ignoro-o. Seu poder só poderá subsistir com a conclusão imediata da paz. É somente a paz que trará de volta ao país os camponeses e que lhes dará uma certa disponibilidade".<sup>45</sup>

A *intelligentsia* democrática situava-se entre a burguesia e o campesinato mas cada um procurando uma ditadura de tipo diferente. Para Weber era pouco fatível que a terceira das grandes forças sociais em presença, o proletariado industrial, pudesse servir à causa democrática, pois seus interesses essencialmente anti-camponeses tornavam-no dependente da burguesia: os operários teriam mais vantagens num regime fundado na pequena burguesia do que numa Assembléia Constituinte dominada pelo campesinato.

A análise de Weber leva-o a concluir que em meados de abril de 1917 a Rússia não assistira a uma verdadeira revolução: "O que se passou não foi uma revolução mas a simples eliminação de um monarca incompetente".<sup>46</sup> Desde que a burguesia tenha obtido os créditos suficientes do exterior, pode-se esperar a evicção dos liberais do governo e o fim da farsa democrática. A política básica da Rússia, a menos que ocorra algo revolucionário, continuará a mesma de antes de 1917. A guerra deverá continuar, abafando as esperanças na "revolução" ou na "democratização" da Rússia. Weber advertia os social-democratas alemães de que corriam o risco de iludir-se com as aparências, conduzindo-os à crença no mito da "punhalada pelas costas" formulando-a nestes termos:

"A atitude dos dirigentes socialistas russos baseia-se num postulado fundamental, a saber, que no momento em que um exército de negros, *gourkhas*, encarando toda barbárie da terra, está nos limites de nossas fronteiras, louca de ódio, de vingança, a social-democracia corre



o risco de aceitar o jogo de cartas marcadas oferecido pela plutocracia da Duma russa, atacando por dentro a moral do Exército que nos protege dos selvagens... É essencial que a classe operária alemã *saiba* a que recorrer e *saiba por que*, sem dúvida, inexistente na Rússia uma autêntica democracia. Com uma Rússia *verdadeiramente* democrática podemos concluir a qualquer momento uma paz honrosa. Com a Rússia atual, é *impossível* essa paz, pois seus dirigentes necessitam da guerra para manter-se no poder".<sup>47</sup>

Weber retoma os argumentos que utilizava quando se perguntava a respeito das perspectivas do liberalismo russo à luz dos acontecimentos de 1905. Em 1917, dez anos depois, Weber defende a tese de que as *chances* de instauração de uma verdadeira democracia inexistem na Rússia, devido à oposição daqueles que possuem os *meios* e os outros que por motivos materiais ou ideológicos tenham *interesse* nisso.

Em novembro de 1917, dá-se a queda do Governo Provisório e a passagem do poder às mãos de um pequeno grupo de intelectuais extremistas apoiados por um segmento do proletariado industrial, do exército e não do campesinato, contrariamente às expectativas de Weber.

Ele exporá sua atitude ante o bolchevismo em duas situações: a primeira vez em fevereiro de 1918, num artigo de jornal dedicado à situação política européia; a segunda em julho do mesmo ano, por ocasião de uma conferência pronunciada em Viena a respeito do socialismo.<sup>48</sup> Para ele, o regime bolchevique é uma "pura ditadura de sargentos":

"É absurdo acreditar que na base deste regime — bolchevique — estão as massas populares animadas pela consciência de classe, forças operárias iguais às existentes no Ocidente. Não. Este regime apoia-se num proletariado de *soldados*. Isso implica em conseqüências. Quais são as finalidades dos intelectuais de S. Pestesburgo (atual Leningrado), que anseiam e reivindicam? Os soldados que compõem suas forças procuram *recompensas, botim*. Os guardas vermelhos bem pagos não têm nenhum interesse na paz que os privará de seus ganhos. Não têm esse interesse os soldados que, sob pretexto de 'libertar' a Ucrânia, Finlândia e outras regiões, forçam as portas (como na Rússia propriamente dita) levantando tributos. *A única autoridade procedente de uma eleição democrática - ao menos na forma - a Assembléia Constituinte, foi destruída pela força*. E isso não foi devido a divergências importantes, mas para beneficiar agentes, destacamentos de tropas, subsídios e botim, pois a maior parte desta Assembléia pronunciara-se pela manutenção do armistício e pelo prosseguimento das conversações de paz. O resto, objetiva-

mente, não passa de uma *escroqueria*, quaisquer que sejam os objetivos aparentemente visados, ou que realmente visa a direção do movimento".<sup>49</sup>

Na sua conferência de julho, Weber definirá melhor seus pontos de vista: não crê na estabilidade do regime bolchevique e suspeita de suas intenções.

Seu tema principal é o socialismo. Weber define o marxismo como um protesto contra a alienação do trabalhador industrial separado de seus meios de produção, alienação que ele considera inevitável. O proletariado tem condições de dirigir o Estado e a economia? Weber manifesta ceticismo a respeito:

"É possível no transcurso de uma guerra, que as prodigiosas alterações que ela implica e como consequência da condição operária, notadamente da fome, a massa do proletariado, dirigida por intelectuais, tome o poder... Não encontro entre os trabalhadores sindicalizados, nem entre os intelectuais sindicalistas, homens com capacidade de dirigir a produção em época de paz. A grande experiência realiza-se presentemente na Rússia".<sup>50</sup>

As notícias recentes vindas da Rússia, diz Weber, indicam que o salário por tarefa foi restabelecido, que os antigos chefes de empresa, burocratas e oficiais de carreira, voltaram a seus cargos. "Mas não é possível desta forma assegurar o funcionamento permanente do aparelho de Estado e da economia e até o momento a experiência não é de encorajar".<sup>51</sup> Weber manifesta surpresa pelo fato de o regime bolchevique ter subsistido. Isso dever-se-ia ao fato de ser menos uma ditadura socialista do que uma ditadura militar de sargentos. Trotsky, conclui Weber, está errado ao esperar a decomposição do exército alemão sob influência da propaganda comunista. Este exército não se compõe de dois terços de camponeses e de uma proporção notável de pequenos-burgueses, isto é, de classes que não acudiriam em ajuda ao proletariado industrial? Não se deve subestimar a sedução afetiva da idéia socialista. Weber aprova as negociações de Brest-Litovsk que permitem definir os verdadeiros objetivos do bolchevismo: "Com aqueles que combatem por uma fé, não se pode fazer paz, pode-se somente colocá-los em estado de neutralidade".<sup>52</sup>

A derrota alemã, em novembro de 1918, não surpreende Weber: fora o fruto de aventureirismo irresponsável, contra o qual não cessou de advertir seus compatriotas. Consola-se, entretanto, admitindo que o sacrifício dos alemães durante a guerra não teria sido em vão:

"O respeito à verdade que nós impusemos força-nos naturalmente a admitir que o papel político *mundial* da Alemanha terminou: a dominação mundial dos anglo-saxões ou o *knut* russo é alternativa visível. É a nossa glória. A hegemonia norte-americana é tão inevitável como o fora na Antigüidade a de Roma após as Guerras Púnicas. Espera-se que isso se dê e que não haja partilha com a Rússia. É isso que eu considero como a finalidade de nossa futura política mundial, pois o perigo russo pelo momento está afastado mas não em definitivo".<sup>53</sup>

À luz retrospectiva de meio século de história, como as análises e apreciações de um pensador geralmente reconhecido como o maior dos sociólogos modernos, resistiram a prova dos fatos? É bem verdade que Weber, em inúmeras ocasiões, defendera-se da sedução da previsibilidade. No início de seu ensaio sobre a Constituição russa, escrevia:

" 'A História' não pode servir de preâmbulo ao conhecimento do presente imediato pois ignoramos sua duração. O problema é caracterizar o que sucede no momento específico, como característico e essencial".<sup>54</sup>

Apesar de suas denegações, Weber acertou na previsão de muitas coisas; suas três obras sobre a Rússia tinham a finalidade de traçar os contornos prováveis do futuro próximo. Daí ser possível confrontar seus prognósticos com os fatos de nosso conhecimento, não tanto para julgar a clarividência de Max Weber mas para chegar à compreensão da força e dos pontos fracos de seu pensamento político.

Weber aborda os problemas da Rússia a partir de premissas deduzidas da convicção de que a civilização ocidental se orienta, inexoravelmente, rumo a uma racionalização sempre crescente de cada aspecto da existência organizada, conduzindo na área política à noção de transformação do Estado em "empresa" e, paralelamente, à transmissão de todo o poder real à burocracia. A tese funda-se na evolução moderna da Alemanha, o que explica a tendência de Weber a inspirar-se, para análise das instituições e processos políticos, na experiência germânica. É lá que devemos encontrar as razões de sua rejeição da crença na eficiência da vontade popular, de sua concepção extremamente limitada das instituições parlamentares, de sua insistência a respeito do papel das "elites" e da importância que atribui às "manobras" na direção dos processos político-sociais, de seu desprezo pelos políticos não-profissionais, de seu medo a qualquer burocracia (a *Beamtentum* alemã), sua insistência em ligar a autoridade política à supremacia econômica, enfim, de sua tese sobre a "política como exercício do poder". Aplicando estas idéias à vida política

rusa durante as crises revolucionárias de 1905-1906 e de 1917-1918, Weber procura chegar à passagem do velho regime autocrático descentralizado e ineficiente ao sistema racional e moderno do governo pela burocracia, passagem que considera como a principal consequência da Constituição de 1906 e que não se dará. Contrariamente, no último decênio de sua existência, o Estado Czarista será mais caótico e descentralizado que nunca. Neste processo, imensa responsabilidade cabe a Nicolau II, que continuou imiscuindo-se nos assuntos públicos, não permitindo que altos burocratas qualificados, como o Conde Witte e Stolypin, administrassem o país. A autoridade, que o Czar se mostrava incapaz de exercer, não será exercida pela burocracia mas pelo monge Rasputin. Estas personalidades, delegando poder a incompetentes como Gomrekine e Sturmer, intrigando intensivamente na área palaciana, acabarão por desorganizar o velho aparelho burocrático. Entre 1906 e 1917, a burocracia russa não usurpará a autoridade da Coroa, nem mesmo tentará fazê-lo. Ela procurará servir a monarquia, mas o comportamento irresponsável da Coroa a desmoralizará a tal ponto que, em março de 1917, após a queda da dinastia, ela desaparecerá da cena política sem nenhum gesto, por simbólico que seja, de resistência. A História mostra que, entre 1906 e 1917, a monarquia conservava totalmente o poder, enquanto o da burocracia declinava de forma alarmante. É exatamente o contrário da previsão de Max Weber.

Considerações teóricas como as enunciadas acima levam Weber a enganar-se a respeito das duas revoluções de 1917. Seu sistema não reconhece nas massas nenhuma espécie efetiva da capacidade de ação. Com efeito, para Weber, qualquer atividade política pressupõe a existência intramuros de pequenos grupos manobrando em concordância com a alta burocracia e os meios que controlam as finanças e o crédito. Persuadido desta verdade, Weber articula os dados de que dispõe. Vê na revolução de março uma vulgar *escroqueria*, um golpe montado pela pequena burguesia acumpliciada com a finança internacional ocidental; quanto ao golpe de Estado de novembro, trata-se de outra *escroqueria*, imputável desta vez ao exército.

Na realidade, nem março nem novembro foram fruto de maquinações nem *escroquerias*. O ano 1917 aparece na perspectiva da História como um período de desagregação rápida da estrutura sócio-política da Rússia sob pressões divergentes de forças populares como o campesinato, o proletariado industrial urbano, o exército, minorias nacionais, a *intelligentsia*, cada um lutando pelos seus próprios interesses imediatos. Em nenhum momento a burguesia russa, muito menos o "capital" ocidental, dirigia o curso dos acontecimentos. Tampouco os bolcheviques, que chegavam tardiamente para controlar as forças de contestação, mobilizando-as para seus próprios fins, dirigiam a revolução. Na verdade, eram dirigidos por ela.<sup>55</sup> O gênio político de Lenine consistiu em atribuir à necessidade o aspecto de uma escolha.

Afirmando *a priori* que uma burocracia qualificada, capaz de perpetuar-se, é indispensável ao Estado moderno, Weber elimina praticamente qualquer possibilidade de transformação política no mundo atual. Parte deste postulado, aplicando-o ao processo russo nos inícios de março de 1917. Ele nega que a classe dominante e os donos do poder tenham mudado verdadeiramente, embora, na realidade, a mudança tenha sido fundamental e irreversível. Weber engana-se quando analisa a Revolução de Outubro com base no mesmo postulado. Parece-lhe inconcebível que um Estado moderno possa nascer de uma ruptura radical com o aparelho administrativo do regime antigo.<sup>56</sup> Como os fatos não correm em seu abono, apresenta três explicações possíveis para o processo: ou a ruptura é mais aparente do que "real", ou é provisório ou, finalmente, se é necessário excluir as duas primeiras hipóteses, é que o novo Estado terá vida curta. Se é verdade que Lenine desmentiu posteriormente o que escrevera, "no regime socialista cada um administrará e pouco a pouco acostumar-se-á à idéia de que todos devam administrar",<sup>57</sup> deve-se dizer que, *naquele momento*, estava mais próximo do real do que Weber, que fundava na existência de um quadro de funcionários a chave explicativa de qualquer construção político estatal. De qualquer forma, Lenine teve sucesso em construir um novo Estado composto de intelectuais e de revolucionários "profissionais" — esses "literatos" a quem Weber tanto desprezava — desprovidos de qualquer experiência burocrática. E, contrariamente à expectativa de Weber, o Estado soviético sobreviveu, burocratizando-se, bem verdade.

Logicamente, não cabe pronunciar-se a respeito da teoria do Estado moderno de Weber tendo como elementos seus textos sobre a Rússia. Mas é fora de dúvida que, no caso específico (o processo político russo), sua teoria não fora confirmada. Sua definição de Estado como "empresa", funcionando na forma de uma usina, conduziu-o a sobrestimar os aspectos técnicos do governo: aparelho burocrático, formação e experiências burocráticas e apoio financeiro. Ao mesmo tempo, subestimou ou abstraiu inteiramente os caracteres do Estado que não apresentavam nenhuma equivalência com a estrutura racional organizada: a tradição, ideologia, opinião pública e psicologia das massas. Weber deixa-se fascinar pelos aspectos teóricos do governo a ponto de negar qualquer possibilidade de revolução no século XX, colocando em xeque a própria possibilidade de realização de um sistema verdadeiramente democrático.

Mas em última análise, independentemente do valor da teoria política de Weber, deve-se perguntar até que ponto é lícito utilizar, para avaliar os acontecimentos diários de uma sociedade com um rico passado histórico, conceitos extraídos da experiência de outras sociedades. O problema central é que a Rússia, para Weber, não tem história política,

é uma tabula rasa. Daí vê, ele a possibilidade de traçar seu desenvolvimento político com um nível suficiente de precisão partindo de critérios racionais e estabelecendo paralelos com outras nações historicamente mais "desenvolvidas".

Tal raciocínio traz a esperança ingênua que a Rússia possa dar origem a uma civilização inteiramente original "num terreno virgem". Tratar a Rússia como se ela tivesse nascido no século XX, revela um raciocínio anti-histórico, atitude que pressupõe a existência de critérios universais, válidos para toda comunidade "civilizada" (representada pelo "tipo ideal" de civilização européia ocidental do século XIX); ela não toma em consideração a experiência histórica fundante de conceitos como os de "civilização". Na realidade, a Rússia contara já com cinco séculos de experiência de organização estatal, determinando maneiras de pensar, sentir e agir do homem em instituições que, se do ponto de vista ocidental não representam o máximo em perfeição, reclamam um estudo sério e demorado.

A atitude de Weber em relação à Rússia constitui uma reprodução da postura da historiografia "filosófica" tão desenvolvida na Europa nos fins do século XVIII, isto é, de pensadores influenciados pela Revolução Francesa que procuraram aplicar o método "filosófico" da Ilustração como instrumento de análise social. Qual a diferença básica entre Weber - que não hesita em aplicar à Rússia os modelos produzidos pela história ocidental, em particular da Alemanha — e a desenvoltura com que Voltaire, Diderot, que estudaram tudo, menos a Rússia, propiciam seus conselhos aos soberanos russos? Em que a crença inicial de Weber nas potencialidades ilimitadas culturais da Rússia difere das esperanças alimentadas por inúmeros filósofos do século XVIII, notadamente de Leibniz? Eles também esperam que a Rússia e outras nações não ocidentais, que também "partem do nada", possam dar origem a uma sociedade mais racional.

Atrás dessa postura está a mesma atitude estática ante a História, o mesmo método dedutivo, a mesma indiferença em relação a especificidade da formação econômico-social, a mesma dependência de valores "universais", a mesma tendência a medir o progresso pelos critérios da burguesia ocidental. Retrospectivamente, é claro que Weber trabalharia em terreno mais seguro se fizesse um esforço sério para iniciar-se no patrimônio histórico russo, atitude que possivelmente o levaria a não sobrestimar a burocracia e subestimar a *intelligentsia*.

A respeito do liberalismo russo, Weber não se enganaria. Analisa minuciosamente o movimento liberal, o parlamentarismo, a atividade da nova Duma, tirando conclusões que o tempo justificou. É que ele possuía em grau incomum o sentido das realidades políticas, sua compreensão da "verdadeira" importância dos acontecimentos, sua habilidade em desmistificar o meca-

nismo legislativo e os pretextos ideológicos, a capacidade de discernir o interesse das diversas classes sociais.

Assim, ele vê as inconsistências da Constituição de 1906 enquanto instrumento da democracia; procura medir as relações de força existentes entre as diversas classes e frações de classe que disputam a hegemonia, constatando a inviabilidade da manutenção a longo prazo do Governo Provisório. Por outro lado, sua tese sobre a impossibilidade de vitória do liberalismo na falta de uma classe de apoio parece confirmada. Em lugar de atribuir a fraqueza do liberalismo russo à relativa insignificância da classe média — como era de hábito na época —, Weber insiste sobre a profundidade do fosso que separa as duas forças componentes do movimento liberal: a *intelligentsia* e a classe média. Prevê o conflito fatal que eclodirá no seio dos moderados e que contribuirá em 1917, no momento decisivo, a definir a sorte da democracia russa. No entanto, não avalia com justeza o papel da *intelligentsia* revolucionária e do proletariado industrial cuja ação na Alemanha não possuía a importância que tinha na Rússia.

Weber amplia o nível da análise política em extensão e profundidade, quando a analisa sob o ângulo das questões sociais. Beneficia-se das vantagens da análise socialista, sem seus inconvenientes: a rigidez da doutrina. Contrariamente à maioria dos liberais russos que privilegiam o lado jurídico e formal das instituições políticas, Weber insiste na importância de compreender estas instituições em conexão com as classes sociais e a totalidade da vida econômica. A bem da verdade, Weber vê com clareza os dilemas do liberalismo russo na medida em que estes são uma reprodução dos dilemas do liberalismo alemão muito mais do que da realidade anglo-saxã. Os dois países, Alemanha e Rússia, apresentam problemas de acumulação econômica sob um capitalismo retardatário. Porém os liberais russos estavam presos ao modelo anglo-saxão do desenvolvimento liberal.<sup>58</sup>

Em Weber operam duas forças contraditórias: de um lado, seu agudo senso das realidades políticas, sua preocupação de Vinculação do político ao todo social, para discernir interesses e ideologias; de outro lado, seu nacionalismo emocional, na época, turva a clareza de sua análise. Seus textos sobre o processo político russo de 1905 e 1917 podem ser criticados e rejeitados.<sup>59</sup> Mas isso implica no compromisso intelectual de conhecê-los.

## NOTAS

- (1) Marianne Weber, *Max Weber Em Lebensbild*, Tubingen, 1926, p. 342.
- (2) Max Weber, *Gesammelte Politische Schriften*, Munique, 1921, p. 26, citado doravante como GPS.
- (3) Karl Jaspers, *Max Weber*, Oldenboug, 1932, p. 66.

- (4) *Hilfe*, Berlim, 9 de novembro de 1916.
- (5) GPS., pp. 8-30.
- (6) A. Mettler, *Max Weber und die Philosophische Problematik in Unserer Zeit*, Leipzig, 1934, p. 17.
- (7) J. P. Mayer, *Max Weber and German Politics*, Londres, 1944, p. 44.
- (8) GPS., p. 167.
- (9) *Idem*, p. 29.
- (10) Max Weber, *Wirtschaft und Gesellschaft*, Tubingen, 1947, p. 122, citado doravante como *W & G*.
- (11) *Idem*, p. 143.
- (12) GPS., p. 158.
- (13) Conforme Bismarck: "Não sou partidário de nenhuma forma, de governo absolutista. Considero a *colaboração* do Parlamento — bem praticada — como tão necessária e útil, que é impossível o exercício do poder sem o Parlamento". Discurso no Reichstag, pronunciado em 1844, citado por Max Klemm editor, *Was sagt Bismarck dazu? II*, Berlim, 1924. Ver ainda Otto\_von Bismarck, *Gedanken und Erinnerungen*, Nova Iorque - Stuttgart, 1898, pp. 9-12.
- (14) GPS., p. 140.
- (15) Otto Kollreutter "Die staatspolitischen Anschauungen Max Webers und Oswald Spenglers" in *Zeitschrift für Politik*, XIV (1925), pp. 482-483.
- (16) GPS., pp. 149-50.
- (17) *Idem*, p. 141.
- (18) Max Weber, *Der Sozialismus*, Viena, 1918, p. 24. Reimpresso na *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik* Tubingen, 1924, pp. 492-518.
- (19) Max Weber, "Zur Lage der bürgerlichen Demokratie in Russland, *Beilage, Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, XXII (1906), p. 347-8, doravante citado como *Zur Lage*.
- (20) J. P. Mayer, *Max Weber*, p. 99.
- (21) GPS., p. 391.
- (22) Retoma a posição de A. Leroy, Beaulieu: "A comuna nasceu e desenvolveu-se fora do âmbito da autocracia, única instituição autêntica, a única tradição viva do povo russo".
- (23) *Zur Lage*, p. 349.
- (24) *Idem*, p. 244.
- (25) *Idem*, p. 245.
- (26) *Idem*, p. 346.
- (27) *Idem*, p. 335.
- (28) *Idem*, p. 280.
- (29) *Idem*, p. 347.
- (30) *Idem*, p. 281, n.
- (31) *Idem*, pp. 347-348.
- (32) *Idem*, p. 338, n.
- (33) *Idem*, p. 353.
- (34) Max Weber - "Russlands Uebergang zum Scheinkonstitutionalismus", in: *Gesammelte Politische Schriften*, Ed. J. C. B. Mohr, Tubingen, 1958.
- (35) *Idem*, p. 110.
- (36) Max Weber, *Wirtschaft und Gesellschaft*, Tubingen, 1947, vol. I, p. 173.
- (37) J. P. Mayer, *Max Weber and German Politics*, Londres, p. 47, 1944.
- (38) A. Leroy - Beaulieu, *L'Empire des Tsars et les Russes*. II, pp. 77-81; isso é reconhecido por Weber no *W & G*, vol. II, p. 672.
- (39) *Scheinkonstitutionalismus*, p. 228. Veja-se a alusão ao papel de Bismarck na Alemanha, *W & G*, II volume, p. 672.
- (40) *Idem*, pp. 249-250.
- (41) Max Weber, *Zur Lage*, p. 349.



- (42) Como o faz Mayer, *op. cit.*, p. 26.
- (43) "Deutschland unter den Europäischen Weltmachten" in *Hilfe*, Berlim, 9 de novembro de 1916.
- (44) A data de 24 de junho citada por Marianne Weber é inexata: *Max Weber Ein Lebensbild*, Tübingen, 1926, p. 718. O texto foi reimpresso na *Gesammelte politische Schriften*, Ed. J. C. B. Mohr, Tübingen, 1958.
- (45) *GPS.*, p. 117. Weber visualiza antes a possibilidade de uma ditadura dos socialistas-revolucionários do que social-democracia.
- (46) *Idem*, p. 120.
- (47) *Idem*, p. 124.
- (48) "Innere Lage und Aussenpolitik in Frankfurter Zeitung", 3 de fevereiro de 1918, publicado in *GPS*, sob o título "Der Sozialismus".
- (49) *GPS.*, pp. 323-24.
- (50) *Der Sozialismus*, pp. 9-30.
- (51) *Idem*, p. 30.
- (52) *Idem*, p. 31.
- (53) Marianne Weber, *Max Weber*, p. 648.
- (54) M. Weber - G. P. S., p. 201
- (55) Conforme as informações constantes in *The End of the Russian Empire*, de M. Florinsky, New Haven, Conn. 1931.
- (56) Ver enunciado desta tese em Weber, *W & G*, volume II, p. 670.
- (57) Lénine, *Oeuvres*, 3ª ed. vol. XXI, p. 452; in Carr: *The Bolshevik Revolution*, vol. I, p. 243, Nova Iorque, 1951.
- (58) As leis fundamentais de 1906 inspiram-se deliberadamente na Constituição Prusiana e na Constituição do Japão, consideradas pelos círculos dirigentes russos como protótipos constitucionais, sem a preponderância do Parlamento. Ch. Seignobos e L. Eisenmann, *Histoire de Russie*, vol. II pp. 1123-24, Paris, 1933.
- (59) À burguesia lhe agrada ridicularizar a insurreição de Moscou qualificando-a de artificial. Por exemplo, na denominada literatura 'científica' alemã, o senhor professor Max Weber, no seu alentado estudo sobre o desenvolvimento político da Rússia, classifica de *putsch* a insurreição de Moscou. "O grupo leninista - escreve este senhor professor muito erudito - é um setor dos socialistas revolucionários. Já há muito tempo que estavam preparando esta *descabelada* insurreição." Para avaliar corretamente esta obra da sabedoria acadêmica da covarde burguesia, basta recordar a estatística das greves. Nas greves puramente políticas de Janeiro de 1905, na Rússia, participaram somente 123.000 operários; em outubro, 330.000; e em dezembro chegou ao máximo: 370.000 operários participaram em greves puramente políticas num só mês! Recordemos também os progressos da Revolução, as insurreições de camponeses e soldados e veremos que a opinião "científica-burguesa" sobre a insurreição de dezembro não somente é um absurdo mas um subterfúgio que utilizam os representantes da burguesia covarde que vêm no proletariado o seu inimigo de classe mais perigoso". V. I. Lenine, *Obras Escogidas*, Tomo II, p. 505, Buenos Aires, Ed. Cartago, 1973.